

Ensino da língua inglesa na educação básica do Brasil e do Chile: estudo comparativo

RESUMO

Esta contribuição tem como objetivo apresentar um estudo comparativo acerca do ensino de inglês como língua estrangeira nas escolas públicas brasileiras e chilenas. Elegemos o Chile para este estudo porque o país atingiu os melhores índices do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) em 2014 em relação aos demais países da América Latina. Para atingir nosso objetivo, foram pesquisados dados bibliográficos quantitativos relativos à avaliação do ensino nestes países, bem como pesquisas, artigos científicos e websites que nos permitiram compará-los em relação ao sistema educacional e ao ensino de inglês. Entre as fontes consultadas destacamos a obra *O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira* (British Council, 2015) e a sessão plenária “Vinte anos de desenvolvimento curricular no Chile”, proferida por Max Moder no II Fórum de Língua Inglesa, evento promovido pelo Conselho Britânico em 2016 e disponível online. A discussão dos dados coletados revela que há necessidade de mudanças no sistema educacional de ambos os países e apontam que o Brasil precisa/deve aumentar a quantidade das aulas de LE e melhorar sua qualidade, incentivando os alunos e, os motivando a se interessar pela disciplina.

PALAVRAS-CHAVE: Língua inglesa. Ensino. Educação Básica.

Guilherme Magri da Rocha

magri.guilherme@hotmail.com

Universidade Estadual do Norte do Paraná, Jacarezinho, Paraná, Brasil.

Tamires Vieira Pinheiro de Castro

magri.guilherme@hotmail.com

Universidade Estadual do Norte do Paraná, Jacarezinho, Paraná, Brasil.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma proposta de investigação sobre o ensino de Língua Inglesa como LE (Língua Estrangeira) no Brasil em comparação ao Chile: ambos países que não têm o inglês como língua materna. Para a consecução desse objetivo, foram pesquisados dados quantitativos relativos ao ensino dessa língua nesses países, bem como artigos científicos e websites que evidenciam suas características em relação ao sistema educacional e ao ensino de inglês. Por meio das leituras, das análises dos dados e informações encontradas, identificamos semelhanças e divergências que, analisadas, sugerem caminhos para a melhoria do ensino em geral e do ensino de inglês para Falantes Não Nativos (FNN) em nosso país.

A inclusão da língua inglesa como componente da grade curricular da maioria dos países da América Latina deve-se ao reconhecimento da importância desse idioma como língua franca, sobretudo no universo acadêmico científico.

Para David Crystal (1997, p.360), linguista pertencente à Ordem do Império Britânico, o inglês é uma língua global. Conforme o estudioso, isso se deve ao

progresso político e econômico obtido pelas nações falantes desse idioma nos últimos 200 anos, [...] O inglês é utilizado como língua oficial ou semi-oficial em mais de 60 países e tem um lugar de destaque em outros 20. Da mesma forma, é dominante ou bem estabelecido em todos os seis continentes¹ (tradução nossa).

A importância de dominar tal idioma nos dias de hoje é imprescindível, pois, além de ser uma língua que nos ajuda na comunicação com pessoas de diversas nacionalidades, seu conhecimento possibilita novas oportunidades na carreira profissional e intelectual das pessoas. Portanto, pode-se afirmar que dominar a língua inglesa abre novos horizontes na vida das pessoas e é de fundamental importância que seja aprendida na escola com qualidade. Além disso, segundo Abdo (2016), aprender uma nova língua favorece o desenvolvimento da memória, a habilidade de tomar decisões com mais rapidez e ajuda a retardar doenças mentais.

Conforme Wong (2005), jornalista portuguesa e especialista em educação, o ensino de um idioma é obrigatório em todos os países do continente europeu, exceto na Irlanda. Em alguns dos 30 países do continente europeu, são ensinadas duas línguas estrangeiras no 1º ciclo de escolaridade. Só na América Latina, o inglês é obrigatório na maioria dos países, pois o idioma é cada vez mais necessário no mundo dos negócios, na comunicação internacional, competitividade econômica e no crescimento da economia global.

Neste contexto, este artigo apresenta primeiramente as características principais dos sistemas educacionais do Brasil e do Chile, com ênfase no ensino de inglês como componente curricular. Na sequência, apresentaremos um quadro/tabela com critérios comparativos sobre o ensino e o ensino de inglês nos dois países, propondo análise e comentários, apontando semelhanças e diferenças entre eles. Concluiremos com uma discussão sobre os dados e informações coletadas que sugere caminhos para a melhoria do ensino em geral e do ensino de inglês para Falantes Não Nativos (FNN) em nosso país.

1. CARACTERÍSTICAS DO ENSINO BÁSICO NO BRASIL E NO CHILE

1.1 SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

No Brasil, a escolha e a decisão quanto ao ensino de uma língua estrangeira fica a cargo de duas instâncias. A primeira instância é a federal e é baseada em três documentos importantes que são a Constituição Federal (1988), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998) e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996). Também é responsabilidade dessa instância distribuir materiais didáticos gratuitamente por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Imagem 1: instâncias decisórias

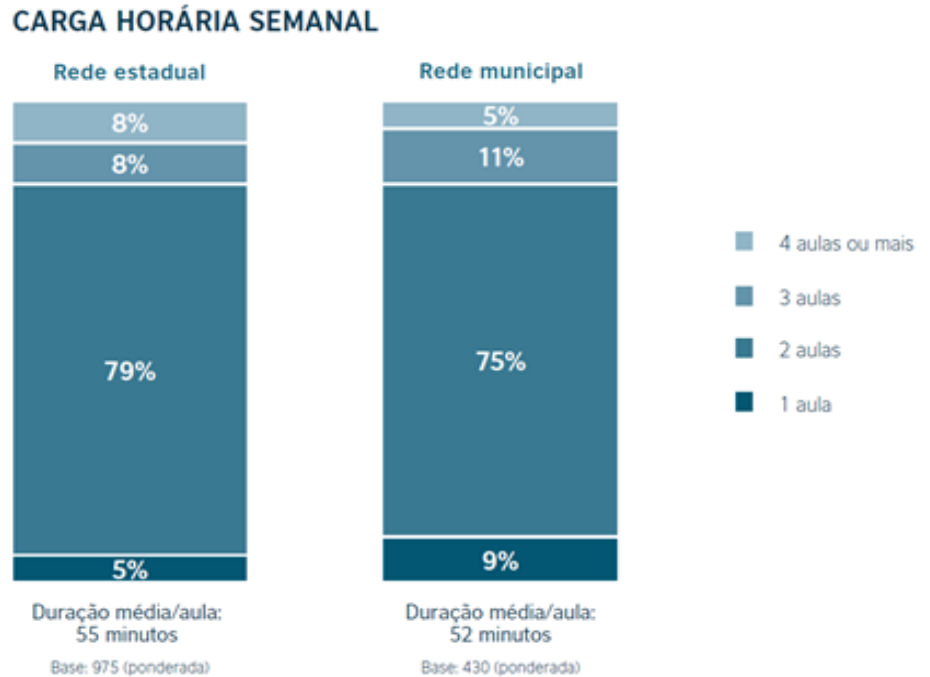


Fonte: “O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira” British Council /Plano CDE

O Artigo 26 – § 5º da LDB de 1996, que estava em vigor até o início de 2017, estabelecia que, era obrigatório, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna. A opção do idioma ficava a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades que a instituição possuía. Todavia, a Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017 modificou esse parágrafo e constituiu a obrigatoriedade do inglês no currículo do ensino fundamental a partir do sexto ano, tendo em vista uma média de anos de estudos da língua de aproximadamente sete anos.

O número de aulas da disciplina na maioria das redes municipais e estaduais é de apenas duas aulas semanais com duração média por aula de 50 minutos (COUNTINHO, 2015), fato que contribui para a dificuldade da aprendizagem efetiva do idioma ao término do ensino fundamental e médio, pois, com apenas duas aulas semanais, não é possível o real aprendizado da língua abordando todas as quatro habilidades necessárias do idioma (listening, speaking, reading and writing).

Imagem 2: carga horária da língua inglesa nas escolas públicas



Fonte: “O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira” British Council /Plano CDE

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 54), “o ensino de uma língua estrangeira na escola tem um papel importante à medida que permite aos alunos entrar em contato com outras culturas, com modos diferentes de ver e interpretar a realidade”.

No entanto, a maioria dos alunos que frequentam a escola pública não finaliza o Ensino Médio fluentes no idioma (COUTINHO, 2015) por diversos fatores como o pouco contato com a língua durante as aulas, o número de aulas, classes lotadas, pouco domínio do idioma pelo professor, entre outros. Portanto, se o aluno não buscar outros meios de aprendizagem, ele não consegue dominar o idioma, terminando o referido ciclo apenas com o básico. Nina Coutinho, diretora de Inglês do British Council, instituto cultural do Reino Unido, aponta que

no Brasil, 85% dos alunos frequentam a escola pública. Em algum momento eles têm aulas de inglês, mas quando se pergunta qual o conhecimento deles, as respostas mostram que eles não sabem falar a língua (COUTINHO, 2015, s/d).

Assim, podemos entender que não há perspectiva de levar adiante a aprendizagem de uma língua estrangeira, pois a maioria dos alunos que frequentam a escola pública não termina o Ensino Médio com um conhecimento bom da língua.

De acordo com a LDB (1996, p. 21),

as condições na sala de aula da maioria das escolas brasileiras (carga horária reduzida, classes superlotadas, pouco domínio das habilidades orais por parte da maioria dos professores, material didático reduzido a giz e livro didático etc.) podem inviabilizar o ensino das quatro habilidades comunicativas (listening, speaking, reading, writing).

É importante apontar que muitos professores não têm domínio efetivo do ensino da língua que ministram. Além disso, se deparam com salas lotadas de alunos que não veem uma perspectiva clara no domínio de uma língua estrangeira, o que indica uma instabilidade no ensino do idioma, uma vez que essa inviabilização impossibilita uma aula mais interativa e dinâmica. Conforme Nina Coutinho, a maioria dos brasileiros passou pela escola pública e teve aulas de inglês, mas quando é preciso autodeclarar o conhecimento, mais de 70% dizem que têm inglês básico ou não sabem nada da língua. Menos de 5% se declaram falantes de inglês e menos de 1% se consideram fluentes no idioma. A pesquisadora comenta que “está todo mundo estudando inglês, mas ninguém acha que sabe falar” (COUTINHO, 2015, s/d), o que se configura como uma contradição, um paradoxo.

O pouco contato com a língua inglesa, apontada por 55% dos quase 1300 professores pesquisados pelo British Council, também deve ser salientado.

[...] a maior exigência em torno das outras disciplinas (para as quais, diferentemente do que ocorre com a língua estrangeira, há avaliações oficiais, por exemplo) fazem com que o tempo para se dedicar à disciplina de inglês seja menor, comprometendo, assim, a qualidade das aulas e a formação dos alunos (BRITISH COUNCIL, 2015, p. 14).

Devido ao fato de que os alunos necessitam de outras disciplinas mais “importantes”, as aulas de língua inglesa são comprometidas pela falta de real contato com o idioma e a qualidade necessária.

1.2 SISTEMA EDUCACIONAL DO CHILE E ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Na América Latina, o Chile foi o precursor das mudanças educacionais. Em um primeiro momento, ainda sob o regime ditatorial de Pinochet (1973-1990), a reforma chilena consistiu em um processo de descentralização e privatização.

O Chile se assemelha ao sistema educacional do Brasil em relação às opções de Ensino Médio, em que todos os discentes precisam cursar obrigatoriamente 13 disciplinas, independente de seus interesses. Contudo, no Chile, há outras duas escolhas de Ensino Médio, uma voltada ao ensino profissional e outra às artes. Segundo uma matéria publicada no jornal G1 intitulada “No exterior, aluno escolhe matérias do ensino médio; veja como funciona”, por Vanessa Fajardo, o aluno tem três opções de curso: ensino médio científico humanista (EMCH); ensino médio técnico-profissional (EMTP) e ensino médio artístico (EMTA). Além disso, o Ensino Médio tem duração de quatro anos, em tempo integral (UNESCO, 2010).

A carga horária semanal de inglês varia de seis e oito aulas semanais, logo teoricamente, os alunos deveriam sair da escola mais proficientes, porém, nesse caso, a quantidade de aulas não significa qualidade, já que o Chile permanece atrás, no sentido do nível de proficiência, pois os brasileiros possuem apenas duas horas semanais no ensino básico. Contudo, para entender melhor essa deficiência do ensino da língua inglesa no Chile, deveria ser realizada uma pesquisa em campo no país escolhido.

Em 2004, foi criado no país o programa Inglés Abre Puertas (PIAP) do Ministério de Educação do Chile. As atividades são centradas em tarefas extracurriculares como concursos de debates e acampamentos de verão e inverno. Além disso, o programa oferece aulas de apoio que incluem um projeto de autoaprendizagem para alunos de áreas rurais e um programa de voluntários, dando apoio nas salas de todo o país.

2. ESTUDO COMPARATIVO: BRASIL E CHILE

Segundo o PISA (Programme for International Student Assessment) do ano de 2015, ranking internacional da OCDE (Organização para a Cooperação Econômica e Desenvolvimento), o Chile foi considerado o melhor modelo de educação na América Latina, estando em 44º lugar entre 72 nações, enquanto o Brasil ocupa a 63ª posição. Além disso, de acordo com o estudo da Education First, intitulado “O Índice de Proficiência em Inglês da EF”, os chilenos passam mais tempo na escola: quase uma década (em média nove anos), ao passo que os brasileiros passam em média 7, 8 anos. Podemos inferir, a partir dessa pesquisa, que o Chile tem recursos melhores que o Brasil, dado as diferenças territoriais, socioeconômicas, entre outras. Segundo uma pesquisa realizada pela EF EPI (EF English Proficiency Index) em relação à proficiência da língua inglesa, o Brasil está em 41º lugar entre 70 nações, enquanto o Chile está na 45ª posição (2018). Vejamos uma breve comparação de ambos os países em relação à educação na tabela 1: comparativo de renda e investimentos em educação.

Tabela 1: comparativo de renda e investimentos em educação

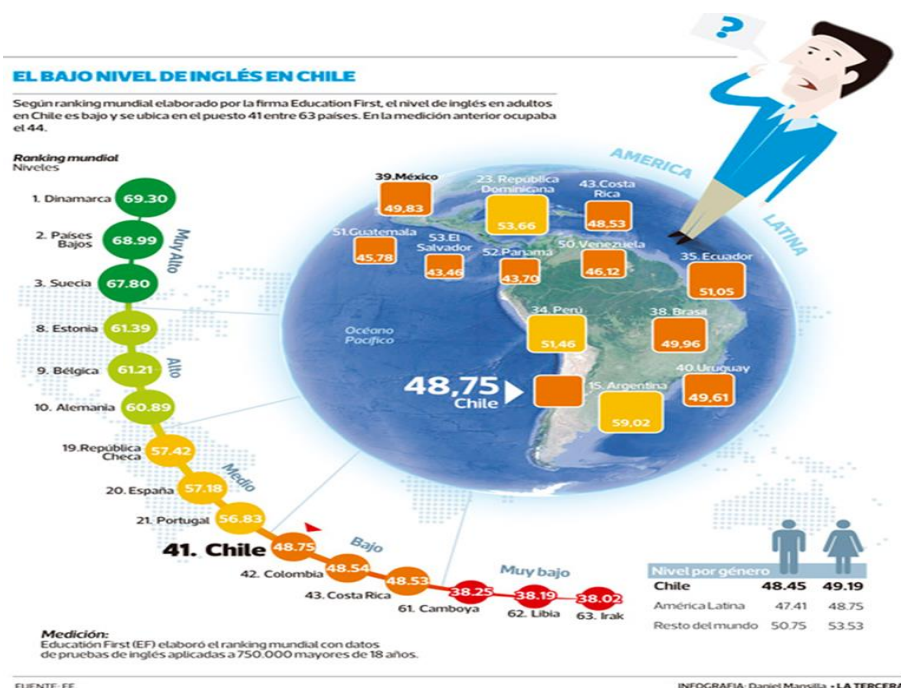


A partir da imagem acima, pode-se concluir que o Chile está à frente do Brasil nos seguintes aspectos: maiores gastos em educação, maior PIB per capita, maior penetração da internet e mais anos escolares; porém está atrás em outros: nível de inglês abaixo do Brasil. Ainda assim, ambos são bastante similares no que se refere ao ensino de língua estrangeira. O Chile vem trabalhando no currículo nacional compulsório por mais de cinquenta anos e, desde 1996, a concepção de desenvolvimento curricular foi introduzida no país, com o objetivo de estabilizar o sistema; porém, em 2010, houve uma nova mudança no currículo escolar (BRITISH COUNCIL, 2016), enquanto no Brasil a última reforma escolar é datada em 1996 (LDB 9394/96).

Segundo María Eugenia Soto (s/d), chefe de carreira da educação infantil da Universidad Católica de la Santísima Concepción, a falta de profissionais preparados para ensinar o idioma é umas das razões pelas quais a educação da língua é precária. Ainda segundo Soto, o ensino da língua estrangeira no Chile começa somente a partir do quinto ano básico, que representa o início do segundo ciclo da educação primária, estando o aluno com dez anos, enquanto no Brasil o ensino do idioma é obrigatório a partir do 6º ano, ou seja, a primeira série correspondente ao ensino fundamental II. Para ela, o ensino de uma língua estrangeira deve ser realizado desde muito cedo. Soto afirma que: “o ensino de inglês deve ser considerado a partir da infância, articulando-se com o próximo e tendo o princípio básico de ensinar o jogo”. Porém, o que chama a atenção, é que mesmo o Chile introduzindo o ensino da língua um ano mais cedo que no Brasil, os resultados são menores que no Brasil como será mostrado na figura 1.

A figura abaixo, publicada no jornal chileno *Latercera* no ano de 2015, apresenta o índice do nível de inglês nos países da América Latina e o ranking mundial.

Figura 1: índice do nível de inglês na América Latina e no mundo



É possível notar que o Brasil obteve um percentual do nível de inglês com 49,96% de aproveitamento, enquanto o Chile com 48,45%. Esses dados mostram que o Brasil está na frente quanto ao ensino de inglês em comparação com o Chile, porém quando relacionamos com outros países, principalmente da Europa, percebemos o quanto nosso país necessita progredir. Apesar da pouca diferença do percentual, conclui-se que há um baixo investimento no ensino da língua de ambos países, o qual interfere no desinteresse por parte dos alunos e, conseqüentemente, no domínio do idioma. Podemos observar a que a Dinamarca ficou em primeiro lugar com 69,30%. Devido a fatores socioeconômicos, geográficos e sociais, a Dinamarca está sempre aprimorando o ensino de língua inglesa no país. O Brasil e o Chile, por sua vez, por se tratarem de países subdesenvolvidos, precisam investir na educação em vários sentidos, como a conscientização da importância de uma língua estrangeira para uma perspectiva mais atrativa para a abertura de novas oportunidades na vida dos estudantes.

Observemos, então, a tabela seguinte, que tem como finalidade compilar os resultados:

Tabela 2 – comparativo do ensino do inglês entre países

BRASIL	CHILE
O Brasil ocupa a 63ª posição segundo o PISA (<i>Programme for International Student Assessment</i>) do ano de 2015, ranking internacional da OCDE (Organização para a Cooperação Econômica e Desenvolvimento)	O Chile foi considerado o melhor modelo de educação na América Latina, estando em 44º lugar entre 72 nações.
Os brasileiros passam em média 7 a 8 anos na escola.	Os chilenos passam mais tempo na escola: média de 9 anos
O Brasil investe 15,6% em educação.	Por outro lado, o Chile investe mais em educação: 19,1%
O Brasil está em 41º lugar entre 70 nações em relação à proficiência da língua inglesa (ano de 2018) – segundo uma pesquisa realizada pela EF EPI (<i>EF English Proficiency Index</i>)	O Chile está na 45ª posição em relação à proficiência da língua inglesa entre 70 nações. (ano de 2018) - segundo uma pesquisa realizada pela EF EPI (<i>EF English Proficiency Index</i>)
O nível de proficiência da língua inglesa é baixo.	O nível de proficiência da língua inglesa é baixo.

Percebemos, ao refletir sobre os dados acima, que o Brasil investe menos em educação que o Chile, os chilenos passam mais tempo na escola que os brasileiros e possuem um contato maior com o idioma, visto que eles possuem o inglês na grade curricular já no quinto ano, no entanto o nível de inglês do Brasil é um pouco melhor como mostra a figura 1.

Com o intuito de desenvolver a aprendizagem, podemos pensar em tecnologias a fim de promover um ensino dinâmico e de qualidade. Ao propormos essa interação com a tecnologia, podemos contribuir para que ambos países possam melhorar o ensino de língua inglesa. É possível observar que o desenvolvimento da língua estrangeira com artifícios tecnológicos facilita a aprendizagem do idioma. Segundo Mercado (2002, p.131),

o uso das TICs como uma ferramenta didática pode contribuir para auxiliar professores na sua tarefa de transmitir o conhecimento e adquirir uma nova maneira de ensinar cada vez mais criativa, dinâmica, auxiliando novas descobertas, investigações e levando sempre em conta o diálogo. E, para o aluno, pode contribuir para motivar a sua aprendizagem e aprender, passando, assim, a ser mais um instrumento de apoio no processo ensino-aprendizagem.

E, dessa forma, transformando o desenvolvimento de aprendizagem numa maneira eficiente, divertida e eficaz. Assim, o aluno não irá ser apenas o receptor do conhecimento, mas irá participar ativamente da aprendizagem (FREYRE, 1996). Pode-se dizer que a sala de aula de língua inglesa não tem disponibilizado aos discentes oportunidades suficientes para desenvolver nem uma competência comunicativa nem uma conscientização intercultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que a educação brasileira e a chilena ainda precisam passar por várias mudanças no seu sistema educacional. Os educadores necessitam procurar métodos de adequar os conteúdos para que os alunos possam tentar interagir como eles mesmos na língua estrangeira, ao invés de repetir frases descontextualizadas e decoradas ou ainda assumir papéis pré-definidos em diálogos encenados do tipo “Eu comprei um bilhete de trem em Londres” o que não têm nada a ver com a realidade destes estudantes em suma maioria. Com o trabalho sobre temas e assuntos que realmente sejam do interesse deles, os alunos se envolvem mais com os conteúdos e passam a participar ativamente da construção do seu desenvolvimento em sala de aula.

isso significa sair dos conteúdos propostos pelo material didático e introduzir textos adicionais como artigos jornalísticos, músicas, tirinhas etc. para montar um projeto temático com esse material. Mas este é apenas um exemplo do como a abordagem comunicativa pode ser operacionalizada. Uma das vantagens do conceito de abordagem é justamente que ele não determina os procedimentos a serem adotados em sala de aula, oferecendo, dessa maneira, mais autonomia ao professor na hora de preparar uma aula voltada para os interesses e necessidades da turma (UPHOFF, Dörthe. 2008. p. 9).

De acordo com o linguista aplicado indiano N.S. Prabhu (1990), não existem métodos ou procedimentos intrinsecamente bons ou ruins. Mas é preciso que o professor se dê conta dos princípios e crenças que orientam a sua ação pedagógica, para que ele possa construir um ensino coerente com os objetivos educacionais e a realidade que o cerca.

Quanto às instituições de ensino, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua estrangeira do 3º e 4º ciclo do ensino fundamental, a situação atual se caracteriza da seguinte forma: “A maioria das propostas situam-se na abordagem comunicativa de ensino de línguas, mas os exercícios propostos, em geral, exploram pontos ou estruturas gramaticais descontextualizados” (BRASIL, 1998, p.24). Isso mostra que várias escolas assumiram o discurso da abordagem comunicativa, mas não oferecem as práticas de ensino condizentes com a orientação metodológica escolhida. Há de certo modo hábitos muito arraigados de ensino. Faz-se necessário olhar a história dos métodos, para entendermos da onde vêm tais princípios didáticos. De uma forma geral, todas as novas tendências giram em torno do aluno e discutem a possibilidade de qualificá-lo para um verdadeiro diálogo intercultural.

Para os estudantes, muitas palavras têm significados diferentes em inglês, já que estão inseridas em outros contextos discursivos, o que acaba gerando uma sensação de estranhamento em alguns alunos. De modo que a própria história do aluno que entra em choque com a língua estrangeira, já que ele carrega uma realidade diferente do presente no discurso alheio, na maneira de atribuir significado às palavras inglesas.

É possível melhorar a educação no nosso país e no Chile, porém é necessário haver mudanças em ambos os países a fim de se desenvolverem. A começar por maiores investimentos da parte física aos novos e diferentes meios tecnológicos disponíveis.

Ademais, faz-se necessária a inserção das novas tecnologias em sala de aula, cursos de capacitação para professores de língua inglesa, boa formação nas universidades de licenciatura em inglês, maior incentivo da parte das instituições educacionais na formação de alunos de língua inglesa, entre outros. Mesmo sabendo da relutância de alguns professores, escolas e alunos na utilização das novas formas de ensino, como as novas tecnologias, é possível motivar os adolescentes para uma melhor capacitação no idioma. Para Leffa (1999),

as novas tecnologias não substituem o professor mas ampliam seu papel, tornando-o mais importante. A máquina pode ser uma excelente aplicadora de métodos, mas o professor precisa ser mais do que isso. Para usar a máquina com eficiência, ele precisa ser justamente aquilo que a máquina não é, ou seja, crítico, criativo e comprometido com a educação (LEFFA, 1999, p.21).

Como professores nas redes de ensino, por meio de ferramentas tecnológicas, podemos propor aulas com o auxílio desses meios em sala, para que possamos mudar nosso contexto educacional e possibilitar aos alunos um aprendizado de qualidade, motivando o aluno para que ele se interesse mais pela disciplina.

São muitos os aspectos envolvidos na tarefa de ensinar e aprender uma língua estrangeira: concepções de linguagem e aprendizagem, objetivos de ensino, tradição escolar. Os professores precisam cada vez mais dar conta desses alicerces que fundamentam a prática pedagógica, para podermos desenvolver uma metodologia sensata e apropriada à realidade da sala de aula. Certamente presenciaremos diversas mudanças metodológicas ainda, mas é essencial olharmos para a história da nossa prática para aprendermos a avaliar de forma crítica e refletida as inovações que chegam até nós.

English-language teaching: a comparison between Brazil and Chile

ABSTRACT

This contribution aims to present a comparative study about the teaching of English as a foreign language in Brazilian and Chilean public schools. We chose Chile for this study because the country reached the best rates of PISA (International Student Assessment Program) in 2014 in relation to the other countries in Latin America. In order to reach our objective, quantitative bibliographic data regarding the evaluation of teaching in these countries were researched, as well as scientific articles and websites that allowed us to compare them in relation to the educational system and the teaching of English. Among the sources consulted are the book *The Teaching of English in Brazilian Public Education* (British Council, 2015) and the plenary session "Twenty Years of Curriculum Development in Chile", given by Max Moder in the II Forum of English Language, an event promoted by the British Council in 2016 and available online. The discussion of the collected data reveals that there is a need for changes in the educational system of both countries and point out that Brazil needs/should increase the number of Foreign Language classes and improve their quality, encouraging students and motivating them to become interested in the discipline.

KEYWORDS: English language. Teaching. Education.

NOTAS

1. [...] English has already become a world language, by virtue of the political and economic progress made by English-speaking nations in the past 200 years, [...] English is used as official or semi-official language in over 60 countries, and has a prominent place in a further 20. It is either dominant or well established in all six continents.

REFERÊNCIAS

ABDO, Humberto. 5 razões científicas para aprender outro idioma. **Revista Galileu**, 2016. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/12/5-razoes-cientificas-para-aprender-outro-idioma.html>. Acesso em: 20 out. 2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: Presidência da República, [2005]. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2017.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 121 p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf. Acesso em: 20 out. 2017.

BRITISH COUNCIL. **O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira**. British Council, São Paulo, p. 1-48, 2015. Disponível em: https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo_oensinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira.pdf. Acesso em: 17 mai. 2017.

BRITISH COUNCIL. **Vinte anos de desenvolvimento curricular no Chile**. 2016. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/atividades/ingles/forum/programacao/plenaria-max-moder>. Acesso em: 20 set. 2017.

CORRÊA, Angela. **Educação chilena é a melhor da América Latina com modelo oposto ao do Brasil**. Curitiba, 1 jun. 2017. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/educacao-chilena-e-a-melhor-da-america-latina-com-modelo-oposto-ao-do-brasil-5otfucsyzefqd4a7x6v51lo8s>. Acesso em: 10 out. 2017.

COUTINHO, Nina; PRADO, Mauricio. **Desafio da Educação: O ensino da língua inglesa nas escolas públicas brasileiras**. [Entrevista cedida a] Fábio Eitelberg. [S. l.], 17 set. 2015. 1 vídeo (31min59s). Publicado pelo canal UNIVESP. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=230&v=6cEc2zUEKeg. Acesso em: 17 mai. 2017

CRYSTAL, David. **The Cambridge Encyclopedia of the English Language**. Cambridge: CUP, 1997.

_____ David. **English a Global Language**. First Edition, 1997.

EF **English Proficiency Index**. Site Oficial. Disponível em: <http://www.ef.com.br/epi/> Acesso em: 25 out. 2017.

FAJARDO, Vanessa. **No exterior, aluno escolhe matérias do ensino médio**; veja como funciona. G1, 16 fev. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/no-exterior-aluno-escolhe-materias-do-ensino-medio-veja-os-paises.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Gil, Gloria. O ensino do inglês, do português e do espanhol como línguas estrangeiras no Brasil e na Argentina: uma comparação glotopolítica. **Revista HELB**, ano 3, n. 3 1/2009. Disponível em: http://www.helb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=108:o-ensino-do-ingles-do-portugues-e-do-espanhol-como-linguas-estrangeiras-no-brasil-e-na-argentina-uma-comparacao-glotopolitica&catid=1082:ano-3-no-03-. Acesso em: 15 out. 2017.

JARETA, Gabriel. Por que o ensino do inglês não decola no Brasil. 2015. **Revista Educação**. Brasil, 4 nov. 2015. Disponível em: www.revistaeducacao.com.br/por-que-o-ensino-do-ingles-nao-decola-no-brasil/. Acesso em: 16 mai. 2017.

LEFFA, Vilson J. O ensino de LE no contexto nacional. **Contexturas**, APLIESP, n. 4, p. 13-24, 1999. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/oensle.pdf>. Acesso em: 10 maio 2018.

MERCADO, L.P.L. **Novas tecnologias na educação**: Reflexões sobre a prática. Maceió: EDUFAL, 2002.

MORENO, Ana Carolina. Apesar de pontuação menor, Brasil sobe em ranking de proficiência em inglês. **Globo**. Brasil, 16 out. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/apesar-de-pontuacao-menor-brasil-sobe-em-ranking-de-proficiencia-em-ingles.ghtml>. Acesso em: 20 mai. 2017.

PARANÁ. **Países onde o inglês é a língua oficial**. Curitiba. Disponível em: <http://www.lem.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=711>. Acesso em: 10 set. 2017.

PRABHU, N.S. (1990). "There is no best method – why?". In: **Tesol Quaterly** 24/2, pp. 161-176.

SOTO, María Eugenia. **Inglés como lengua extranjera desde la educación parvularia**. Chile, 7 agosto 2017. Disponível em: <http://www.ucsc.cl/blogs->

academicos/ingles-como-lengua-extranjera-desde-la-educacion-parvularia/. Acesso em: 27 ago. 2017.

UNESCO. **Estado del arte:** Escolaridad primaria y jornada escolar e nel contexto internacional. Estudio de casos en Europa y América Latina. Buenos Aires: Junho, 2010. Acesso em: <http://repositorio.minedu.gob.pe/handle/123456789/4918>. Disponível em: 17 jul. 2018.

UPHOFF, Dörthe. A história dos Métodos de Ensino de Inglês no Brasil. In: BOLOGNINI, Carmen Zink. **A língua inglesa na escola.** Discurso e ensino. Campinas: Mercado de Letras, 2008, p. 9-15.

WONG, Bárbara. **Metade dos europeus aprendem uma língua estrangeira no 1º ciclo do ensino básico.** Público. Portugal, 3 fev. de 2005. Disponível em: <https://www.publico.pt/sociedade/jornal/metade-dos-europeus-aprendem-uma-lingua-estrangeira-no-1%C2%BA-ciclo-do-ensino-basico-3934>. Acesso em: 20 mai. 2017

Recebido: 08 mar. 2018
Aprovado: 03 set. 2019
DOI: 10.3895/rl.v21n35.9331

Como citar: ROCHA, Guilherme Magri da; CASTRO, Tamires Vieira Pinheiro de. Ensino da língua inglesa na educação básica do brasil e do chile: estudo comparativo. *R. Letras*, Curitiba, v. 21, n. 35 p. 38-52, jul./dez. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

